A Responsabilidade Enunciativa no Gênero Artigo de Opinião

Elis Betânia Guedes da Costa[1], Maria das Graças Soares Rodrigues[2]

[1] Mestre em Estudos da Linguagem – UFRN/ PPgEL. Professora de Língua Portuguesa- IFRN- Campus Nova Cruz. e-mail: elis_bgc@hotmail.com

[2]Doutora em Linguística – UFPE. Professora do Departamento de Letras- UFRN. e-mail: gracasrodrigues@gmail.com

Resumo: *Esse estudo apresenta algumas discussões sobre o gênero artigo de opinião, a sequência argumentativa e a responsabilidade enunciativa. Para ilustrar nossa pesquisa, analisamos um texto da coletânea de artigos de opinião das Olimpíadas de Língua Portuguesa. O interesse em estudar esse gênero decorre de nossa experiência como professora de Ensino Médio, uma vez que temos constatado no decorrer de nossa prática, a dificuldade dos alunos em produzir um artigo de opinião, posicionando-se contra ou a favor de determinados temas. Nossa pesquisa se circunscreve no âmbito da Análise Textual dos Discursos (ATD), que se subsidia na Linguística Textual e na Linguística da Enunciação, mais precisamente no que ADAM (2008) denomina de translinguística.*

Palavras–chave: artigo de opinião, responsabilidade enunciativa, ponto de vista (PdV)

1. INTRODUÇÃO

O artigo de opinião é um gênero discursivo que esteve presente em nossa trajetória profissional, em momentos significantes. Inicialmente, nas experiências vivenciadas em sala de aula do Ensino Médio, nas quais participamos da realização de projetos com o gênero em questão, como, por exemplo, as Olimpíadas de Língua Portuguesa e a produção do livro "Cruzeta, uma cidade repleta de memórias e poesias", quando orientamos alunos a produzirem um artigo de opinião sobre questões polêmicas na cidade e na região.

No decorrer dessas vivências percebemos as angústias e dificuldades dos alunos em produzir um texto argumentativo posicionando-se e argumentando de forma a defender um ponto de vista. Essa dificuldade também é reforçada pelo fato dos livros didáticos, de forma geral, não contemplarem a questão do ponto de vista e da responsabilidade enunciativa do autor dos textos.

Tendo em vista essa problemática e considerando que muitos alunos reclamam da dificuldade de se posicionar em relação a determinados temas, surgiu nosso interesse por investigar como o aluno, enquanto articulista assume as informações veiculadas no seu artigo. Dessa forma, nossa pesquisa busca responder às seguintes questões:

- Como o locutor–narrador organiza o discurso no que concerne à responsabilidade enunciativa?
- Que marcas linguísticas nos levam a identificar diferentes vozes nos enunciados?

2. METODOLOGIA

Nessa pesquisa, objetivamos identificar, descrever, analisar e interpretar as diferentes vozes presentes nos textos produzidos pelos alunos participantes das Olimpíadas de Língua Portuguesa e a forma como o aluno/autor assume (ou não) os diferentes pontos de vista manifestados na redação no momento da argumentação e da contra argumentação.

Para tanto, seguimos a abordagem qualitativa de natureza interpretativista. Uma vez que os métodos qualitativos se assemelham a procedimentos de interpretação dos fenômenos no qual, o pesquisador assume um papel fundamental considerando-se seu caráter descritivo e o enfoque mais indutivo, como afirma Bogdan (1994).

Dessa forma a escolha da abordagem qualitativa reflete nosso interesse em compreender, interpretar e traduzir em nosso *corpus* o significado do nosso objeto de pesquisa contribuindo assim para os estudos da linguagem.

ISBN 978-85-62830-10-5
VII CONNEPI©2012

Nosso *corpus* é formado por 12 textos selecionados pela CENPEC para compor o caderno do professor em 2008. Pela impossibilidade de analisar todos os textos, escolhemos para esse artigo o texto 12, considerando que o mesmo apresenta vários dos mecanismos estudados.

3. FUNDAMENTAÇÃO TEÓRICA

3.1. A argumentação e a sequência argumentativa

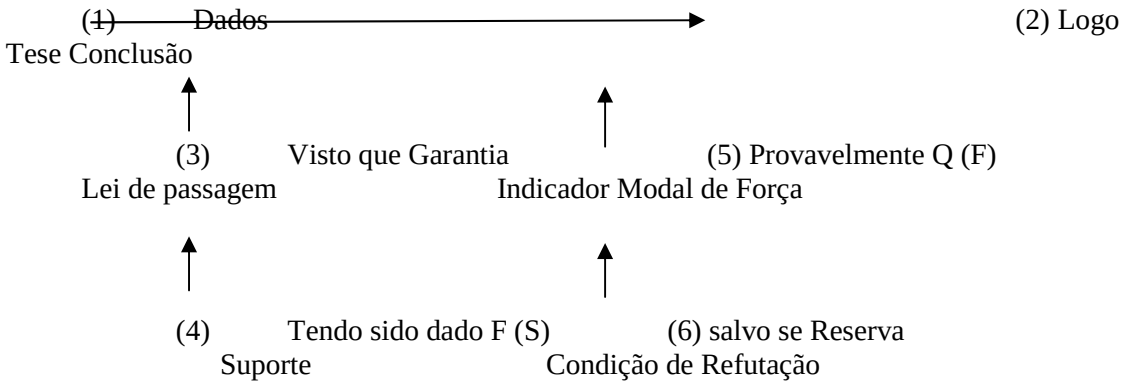
Antes de iniciar nossa reflexão é necessário reafirmar que a sequência argumentativa – uma das unidades que entra na composição dos textos - é diferente da argumentação. De acordo com Grize (1996, p.19 *apud* ADAM, 2009, p. 135) "O caráter argumentativo de um discurso repousa antes de tudo nos propósitos daquele que o produz." O que nos leva a constatar que a argumentação está constantemente presente em nossa vida, pois estamos sempre interagindo com as pessoas sobre os acontecimentos do cotidiano. Frequentemente, expomos nossa opinião defendendo-as com bons argumentos.

Dessa forma, a argumentação baseia-se na necessidade de persuasão e convencimento. Quando argumentamos, buscamos convencer o nosso interlocutor de nossas teses e propostas. De acordo com Alvarado e Yeannoteguy (2007, p. 64), "argumentar é dirigir ao outro (um interlocutor) um argumento, é dizer uma boa razão para admitir uma conclusão e induzir as condutas pertinentes".

A argumentação refere-se à discussão de questões sociais controversas, exige sustentação, refutação e negociação. "Um discurso argumentativo [...] se coloca sempre em relação a um contra-discurso efetivo ou virtual. A argumentação é, assim, indissociável da polêmica. Defender uma tese ou uma conclusão é sempre defendê-la contra outras teses ou conclusões [...]" (MOESCHLER, 1985 *apud* ADAM, 2009, p. 147).

Toulmin (1993[1958], p. 121 *apud* ADAM, 2009,p. 137) apresenta o esquema argumentativo abaixo. Tal esquema é composto por seis componentes que são: Dados, Tese ou Conclusão, Garantia, Fundamento ou suporte da Garantia, Qualificador ou indicador modal e Condições de refutação.

Esquema 1



Fonte: TOULMIN, 1993[1958], *apud*: (ADAM 2009, p 138)

Como podemos observar, os Dados estão apoiados em uma Garantia, para a qual podemos ter um determinado Suporte, temos também a possibilidade de uma Refutação para podermos chegar a Tese ou Conclusão. Com base nessa proposta, Grize apresenta uma simplificação, deixando de lado o indicador de força ou de qualificação modal, como podemos observar a seguir.

Esquema 2

Fato (1) ——— (sustentação) ——→ LOGO Asserção Conclusiva (2)

↑ ↑

Visto que Pp (3) Salvo se restrição (6)

↑

Em virtude de Base (4)

Fonte: GRIZE, 1996, *apud*: (ADAM 2009, p 138)

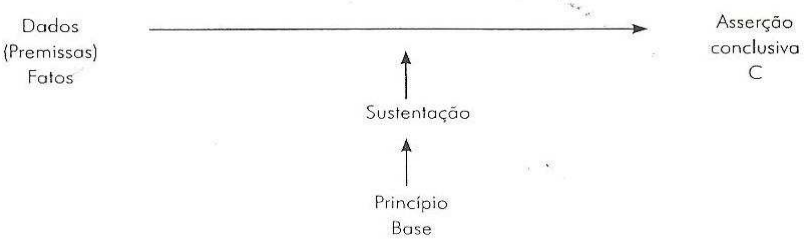
Ao compararmos os dois esquemas (TOULMIN (1993) e GRIZE (1996)), podemos observar que a proposta de Grize (1996) deixa de lado o indicador modal e simplifica a proposta argumentativa, centrando-se nos fatos (Dados), na sustentação (Garantia) e na Conclusão.

Dando sequência ao estudo das frases periódicas argumentativas Toulmin (1993) apresenta duas possibilidades de estruturas argumentativas de base, sendo uma retroativa [Conclusão, porque Dado-Arg] e outra pró-ativa [Dado-Arg., logo Conclusão]. Encontramos na (proposta de Grize (1996) dois tipos de movimentos argumentativos de base: regressivo e progressivo, os quais estabelecem uma determinada correspondência com a proposta de Toulmin (1993).

Platin (1990, p.33) discute a proposta de Toulmin (1993[1958]) e conclui Toulmin aprovisiona uma nova noção: a de célula argumentativa, que terá significativa influência para a proposta do esquema da sequência argumentativa. De acordo com Adam (2009,p. 146) "A organização dessa célula não depende de uma forma ou de um elemento textual determinado; ela é tanto maquete como modelo reduzido; corresponde tanto a um enunciado quanto a um parágrafo."

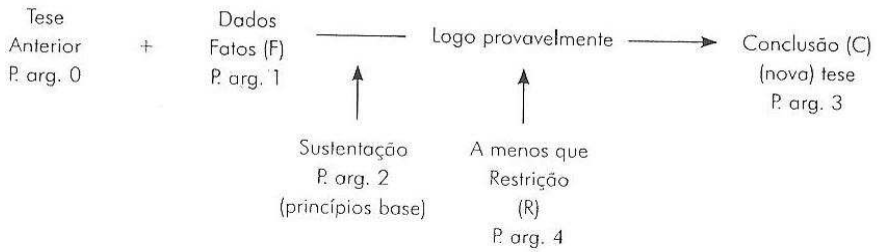
Adam (2009) desenvolve a seguinte comparação:

Esquema 3



Fonte: Adam (2009, p.147)

Esquema 4: A sequência argumentativa



Fonte: Adam (2009, p.148)

Como podemos observar, o esquema 4 - sequência argumentativa - proposto por Adam (2009), apresenta correspondências com o esquema da célula argumentativa, tendo como elementos em comum os dados, a sustentação e a conclusão. O autor explicita que esse esquema obrigatoriamente não é de ordem linear, podendo comportar dois níveis: (1) Justificativo, no qual "a estratégia argumentativa é dominada pelos conhecimentos trazidos; (2) Dialógico ou contra-argumentativo no qual a estratégia "visa uma transformação dos conhecimentos". (2009, p. 148).

Podemos encontrar a predominância dessa sequência argumentativa em gêneros como o editorial, a carta argumentativa, o artigo de opinião e a resenha crítica, entre outros. Nesses gêneros, podemos identificar tal sequência pelas características a seguir:

- O falante se manifesta e confronta a sua opinião com a dos outros.
- Propõe-se persuadir o interlocutor, conseguir adesão
- A organização da mensagem volta-se para o encadeamento lógico dos argumentos, a coerência textual.
- Presença de conectivos argumentativos e contra-argumentativos que colaboram com a orientação argumentativa do enunciado.

3.2. O gênero artigo de opinião

Os artigos de opinião são importantes instrumentos para a formação do cidadão. "Aprender a ler e a escrever esse gênero na escola contribui para desenvolver a capacidade de participar, com argumentos convenientes, das discussões (...) de formar opinião sobre elas, contribuir para resolvê-las, praticar a cidadania." (GAGLIARDI; AMARAL, 2008, p. 9). Ao escrever um artigo de opinião, o articulista parte de uma questão polêmica de relevância social. Por isso deve assumir uma posição, defendê-la com argumentos e dialogar com diferentes pontos de vista que circulam sobre a polêmica.

Dessa forma, o artigo de opinião parte de uma questão polêmica. Ao escrever esse gênero, devemos deixar clara a posição assumida, procurar utilizar argumentos consistentes e bem fundamentados, explicar ao leitor quais as razões que nos levaram a tomar determinada posição e apresentar o pensamento de opositores.

3.3. A responsabilidade enunciativa

A responsabilidade enunciativa ou ponto de vista (PdV) consiste na assunção por determinadas entidades ou instâncias do conteúdo do que é enunciado, ou na atribuição de alguns enunciados ou PdV a certas instâncias. (PASSEGI, RODRIGUES, NETO, SOUSA, SOARES, 2010, p. 299). De acordo com Rodrigues (2010, p. 5), a responsabilidade enunciativa pode ser "individual quando um produtor físico (locutor –narrador -enunciador) assume o(s) enunciado(s)" e "é coletiva quando um indivíduo ou um grupo de indivíduos assume, por exemplo, os problemas de uma comunidade".

Adam (2008, p. 25) afirma que "o grau de responsabilidade enunciativa de uma proposição é suscetível de ser marcado por um grande número de unidades da língua". O autor em questão enumera entre essas grandes categorias os índices de pessoa, os dêiticos espaciais e temporais, os tempos verbais, as modalidades, os diferentes tipos de representação da fala, as indicações de quadros mediadores, os fenômenos de modalização autonímica e as indicações de um suporte de percepções e de pensamentos como podemos ver no quadro[1] abaixo

QUADRO I- Grau de responsabilidade enunciativa: categorias e marcas linguísticas (p. 300-1)

[1] Quadro apresentado por Passegi e Rodrigues (2010, p. 300-1) no capítulo 7: A análise textual dos discursos: para uma teoria da produção co(n) textual de sentido,

Ordem	Categorias	Marcas linguísticas
01	Índices de pessoas	*Meu, teu/ vosso, seu*
02	Dêiticos espaciais e temporais	Advérbios (ontem, amanhã, aqui, hoje) Grupos nominais (esta manhã, esta porta) Grupos preposicionais (em dez minutos) Alguns determinantes (minha chegada)
03	Tempos verbais	Oposição entre presente e o futuro do pretérito Oposição entre presente e o par pretérito imperfeito e pretérito perfeito.
04	Modalidades	Modalidades sintático-semanticas maiores: Téticas (asserção e negação) Hipotéticas (real) Ficcional e (4) Hipertéticas (exclamação) Modalidades objetivas Modalidade intersubjetivas Modalidade subjetivas Verbos e advérbios de opinião Lexemas afetivos, avaliativos e axiológicos
05	Diferentes tipos de representação da fala	Discurso direto (DD) Discurso direto livre (DDL) Discurso indireto (DI) Discurso narrativizado (DN) Discurso indireto livre (DIL)
06	Indicações de quadros mediadores	Marcadores como *segundo, de acordo com e para* Modalização por um tempo verbal como o futuro do pretérito. Escolha de um verbo de atribuição de fala como *afirmam, parece* Reformulações do tipo *é, de fato, na verdade, e mesmo em todo caso* Oposição de tipo *alguns pensam (ou dizem) que X, nós pensamos (dizemos) que Y*
07	Fenômenos de modalização autonímica	Não coincidência do discurso consigo mesmo (*como se diz, para empregar um termo filosófico)* Não coincidência entre as palavras e as coisas *(por assim dizer, melhor dizendo, não encontro a palavra)* Não coincidência das palavras com elas mesmas *(no sentido etimológico, nos dois sentidos do termo)* Não coincidência interlocutiva *(como é a expressão? Como você costuma dizer)*
08	Indicações de um suporte de percepções e de pensamentos relatados	Focalização perceptiva (*ver, ouvir, sentir, tocar, experimentar*) Focalização cognitiva(saber ou pensamento representado)

Após ter delineado o quadro teórico que subsidia nosso estudo, ilustraremos a problemática.

4. RESULTADOS E DISCUSSÃO

Café na avenida: certo ou errado?

Um fato estranho aconteceu em minha cidade. O prefeito interditou a avenida principal para secagem de café, provocando muita polêmica.

Um cafeicultor pediu um espaço ao prefeito alegando que a colheita estava atrasada por causa da chuva, como a safra foi muito grande ele já não possuía espaço suficiente para secar café. Segundo ele, e o prefeito não cedesse um espaço, ele teria que parar com safra e demitir duzentos trabalhadores rurais.

Algumas pessoas estão revoltadas com a atitude do prefeito, mas outras consideram que ele está certo.

Os que são contra dizem que o prefeito agiu com intenções políticas, porque é candidato à reeleição; dizem ainda que a medida atrapalhou o trânsito; que a população não foi avisada com antecedência e que essa atitude abre precedentes para outros produtores solicitarem o mesmo benefício, caso fiquem em dificuldades.

Os que são favoráveis dizem que a medida impediu a demissão dos trabalhadores, que a avenida é larga o suficiente para ser usada em mão dupla e que será utilizada por pouco tempo, aproximadamente trinta dias.

Eu penso que com a pista interditada havia possibilidade de acontecer acidentes, visto que a interdição da avenida não foi mesmo comunicada com antecedência à população. Esta avenida é uma das mais movimentadas de minha cidade, pois dá acesso ao distrito industrial, à usina de açúcar e álcool e à rodovia estadual próxima, portanto não deveria estar sendo usada dessa forma.

Penso ainda que o fazendeiro deveria ter construído outros terreiros para secar café ou tentar encontrar outra solução sem incomodar os cidadãos, pois acredito que dinheiro não é problema para ele, já que como foi publicado no jornal da cidade o cafeicultor é o maior produtor da região.

Apesar de algumas pessoas garantirem que o decreto do prefeito é legal, porque está previsto na lei orgânica do município em seu artigo 94, o promotor de justiça afirmou que "a medida é juridicamente discutível".

Portanto, sou contra a colocação do café na avenida porque privilegia alguns em detrimento de outros, abre precedentes e atrapalha o trânsito da cidade.

Texto 12- Olimpíadas de Língua Portuguesa

O texto "Café na avenida", publicado na coletânea de artigos das Olimpíadas de Língua Portuguesa, foi escrito por uma aluna do Ensino Médio. O mesmo retrata uma problemática do local onde a mesma reside. A aluna inicia o texto localizando o leitor a respeito da polêmica que sua cidade vive após o prefeito ter permitido que um cafeicultor usasse uma das avenidas principais da cidade para secar seu café.

A leitura do texto revela o posicionamento da autora. Nesse caso, a presença dos marcadores de quadros mediadores "permite opor duas fontes desqualificando a primeira sem, no entanto, mencionar a identidade do PdV oposto. Esses marcadores indicam que uma porção do texto não é assumida por aquele que fala, mas mediada por uma voz ou PdV. (ADAM, 2008, p. 187), ou seja, a

autora do texto apresenta inicialmente a opinião das outras pessoas, dividindo-as em dois grupos: as que são contra e as que são a favor.

Podemos observar no quadro, que a aluna usa determinadas marcas linguísticas, como, por exemplo: os índices de pessoas, indicações de quadros mediadores e indicações de um suporte de percepções e de pensamentos relatados.

Nas categorias 01 e 08, respectivamente, índices de pessoas e indicações de um suporte de percepções e de pensamentos relatados que nos permitiram identificar o envolvimento da autora. Nesta direção, na primeira categoria, índices de pessoas, temos o pronome possessivo de primeira pessoa, no sintagma nominal "minha cidade", e na oitava categoria, indicações de um suporte de percepções e de pensamentos relatados, temos as orações: "eu penso que" e " penso ainda que", permitindo, assim, identificar a voz da aluna autora, constituindo assim, o seu PdV.

O quadro[2] a seguir apresenta as marcas linguísticas utilizadas pela autora do texto para se posicionar e construir seu PdV.

Ordem	Categorias	Marcas linguísticas
01	Índices de pessoas	"Minha", no sintagma nominal "minha cidade" (1° e 6 ° parágrafo)
06	Indicações de quadros mediadores	Marcadores: segundo ele (2° parágrafo) Oposição de tipo: Algumas pessoas... mas outras consideram (3° parágrafo) Os que são contra dizem... os que são favoráveis dizem (4° e 5° parágrafo)
08	Indicações de um suporte de percepções e de pensamentos relatados	Focalização cognitiva (saber ou pensamento representado) Eu penso que (6° parágrafo) Penso ainda que (7° parágrafo)

6. CONCLUSÕES

O Gênero discursivo artigo de opinião integra o leque dos gêneros em que predomina a sequência argumentativa, caracterizando-se pela constituição e defesa de um ponto de vista. Nesse gênero, como podemos comprovar com o texto analisado, as marcas linguísticas (adjetivos, conectores, marcadores temporais, índices de pessoas) marcam o grau de responsabilidade enunciativa do articulista, favorecendo o envolvimento e a assunção da responsabilidade enunciativa. Desta forma, é pertinente um estudo mais aprofundado da responsabilidade enunciativa em artigos de

[2] Essas categorias foram apresentadas por PASSEGI, L. et al.(2010).

opinião, considerando não só a relevância do gênero no contexto escolar, assim como o caráter inédito de estudos relacionados à temática da (não) assunção da responsabilidade enunciativa em tal gênero.

REFERÊNCIAS

BEAUGRANDE, Robrt-Alain de; DRESSLER, wolf-gang Ulrichi. **Introdución a la lingüística del texto.** Version espanõla y estúdio preliminar de Sebastián Bonilla; Editorial Ariel, S.A. Barcelona, Corcega, 1997. 347p.

BRASIL, Secretaria de Educação Fundamental: **Parâmetros Curriculares Nacionais:** terceiro e quarto ciclos do Ensino Fundamental: Língua Portuguesa. Brasília, MEC/SEF. 1999.

BOGDAN, Robert; BIKLEN, Sari. **Investigação qualitativa em educação:** uma introdução à teoria e aos métodos. Porto: Porto Editora,1994.

BRONCKART, Jean-Paul. **Atividade de linguagem, textos e discursos:** por um interacionismo sócio-discursivo. Tradução de Anna Rachel Machado, Péricles Cunha. São Paulo: EDUC, 1999.

CHARAUDEAU, Patrick; MAINGUENEAU, Dominique. **Dicionário de Análise do Discurso**. 2. ed. São Paulo: Contexto, 2008

GAGLIARDE, Eliana; AMARAL, Heloisa. **Pontos de vista**: caderno do professor. São Paulo: Cenpec: Fundação Itaú Social; Brasília: MEC, 2008.

KOCH, Ingedore Villaça. Lingüística Textual: Quo vadis? In. **Desvendando os segredos do texto**. 4.ed. São Paulo: Cortez, 2005, p. 149-157.

_____. **Argumentação e linguagem**. 11.ed. São Paulo: Cortez, 2008.

MARCUSCHI, Luiz Antonio. **Linguística de texto**: o que é e como se faz. Série Debates 1-UFPE, Recife, 1983.

_____. **Produção textual, análise de gêneros e compreensão**. São Paulo: Parábola Editorial, 2008.

_____. Gêneros textuais: configuração, dinamicidade e circulação. In: KARWOSKI, A. M. et al . **Gêneros textuais:** reflexões e ensino. 2. ed. Rio de Janeiro: Lucerna, 2006.

PASSEGI, L. et al. A análise textual dos discursos: para uma teoria da produção co(n) textual de sentido. In: BENTES, A. C.; LEITE, M.Q. (Orgs.). **Linguística de texto e análise da conversação**: panorama das pesquisas no Brasil. São Paulo: Cortez, 2010, p. XXX.

PEREIRA, Liliane; NASCIMENTO, Elvira Lopes. O artigo de opinião como ferramenta de aprendizagem e avaliação de vestibulandos**.** In.: CELLI- COLÓQUIO DE ESTUDOS LINGUÍSTICOS E LITERÁRIOS. 3, 2007, Maringá, 2009, p. 1607-1620.

Revista *Na Ponta do Lápis*. São Paulo: CENPEC, Ano V- n. 11, agosto. 2009

RABATEL, Alain. Prise en charge et imputation, ou la prise em charge à responsabilité limitée, **Langue Française**, n. 162, 2009, p. 71-87.

RODRIGUES, Maria das Graças Soares. Gêneros Discursivos Acadêmicos: de quem é a voz? In: MARÇALO, M. J.; HERNANDES, M. C. L.; ESTEVES, E.; FONSECA, M. C.; GONÇALVES, O.; VILELA, A. L.; SILVA, A. A. (Eds.). SLG 26- **Práticas de leitura e escrita na Universidade**. Universidade de Évora: Copyright, 2010. ISBN: 978-972-99292-4-3.